

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

LÍNGUA E CULTURA ITALIANA EM MATELÂNDIA/PR

Ana Paula Dalleaste¹

Sanimar Busse²

RESUMO: A formação do Oeste paranaense remonta à presença da imigração europeia no Sul do Brasil. Em busca de novas terras e com o objetivo de ali transplantar sua cultura e modo de viver, grupos migraram e reemigraram Brasil afora plantando em cada canto elementos muito particulares, principalmente na língua. Este trabalho visa identificar e analisar os componentes que atuam sobre o processo de mudança linguística no que tange ao uso da língua italiana em uma localidade do Oeste do Paraná. A pesquisa é parte do projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português”, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Letras/Unioeste. Por meio do modelo de análise das redes de comunicação, pretende-se observar os usos linguísticos de três falantes do sexo feminino, de três gerações de uma família de descendentes italianos residentes em Matelândia, a fim de analisar os fatores de ordem linguística e extralinguística que atuaram no processo de mudança linguística, observando-se os níveis de manutenção, rejeição e de desaparecimento do dialeto *talian*.

PALAVRAS-CHAVE: Fala, cultura, língua italiana.

ABSTRACT: The formation of the Paraná West dates back to the presence of European immigration in southern Brazil. In search of new lands and with the goal to transplant their culture and way of live, groups migrated over the Brazil planting in every corner very particular elements, especially in the language. This work aims to identify and analyze the components that act on the process of language change with respect to the use of the Italian language in a of Western Paraná locality. The research is part of the research project "Study of languages in contact in western Paraná: the Italian language, the talian and the Portuguese", of Program *stricto sensu* graduate Masters and Doctorate in Letters / Unioeste. Through the communication networks analysis model, we intend to observe the linguistic uses three speakers female, three generations of a family of Italian descendants living in Matelândia in order to analyze the linguistic and extra-linguistic factors that acted in the language change process, observing the maintenance levels, rejection and disappearance of talian dialect.

KEYWORDS: Talking, Culture, Italian language.

INTRODUÇÃO

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - *Campus* de Cascavel. Email: ana_dalleaste@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Letras/Unioeste – *Campus* de Cascavel. Email: sani_mar@yahoo.com.br

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

A língua pode ser tomada como representação da formação histórica de uma comunidade, carregando características peculiares, marcadas pelo encontro de diferentes culturas e etnias.

Os descendentes italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, ao se deslocarem para o Oeste do Paraná, a partir de 1940, motivados por um programa de povoamento e colonização das terras situadas mais a oeste do Brasil, na fronteira com o Brasil e o Paraguai, trouxeram consigo a sua cultura, o seu modo de viver e a sua língua. Atuaram para essa realidade um conjunto de fatores, dos quais destacamos, neste trabalho: o esgotamento das terras que eram destinadas à ocupação colonial; as terras que os colonos possuíam não eram suficientes para distribuir entre os filhos e, assim, mantê-los por perto; as companhias colonizadoras procuravam terras com preços mais baixos, o que não existia mais no Rio Grande do Sul e, principalmente, o crescimento do trabalho de lotear áreas para revender aos colonos, feito pelas colonizadoras (BELONI, 2013).

O desenvolvimento do Oeste paranaense, inicialmente, foi totalmente agrícola, familiar e rural (BUSSE, 2010). Sua formação destaca-se

tanto pela presença do elemento estrangeiro que a colonizou, quanto pela forma como o povoamento se deu, muitas vezes na presença de diversas etnias. E é essa dinâmica que imprimiu características peculiares a determinadas áreas fisiográficas, tanto econômica quanto culturalmente (BUSSE, 2010, p. 33).

Diante das características peculiares de cada região, que envolvem aspectos sociais, culturais e econômicos, e do número de descendentes de italianos habitantes no município, a língua é um elemento chave para a identidade de um povo. Dessa forma, as relações familiares são responsáveis pela transmissão e manutenção de uma dada língua, assim como, pelo seu desaparecimento. Assim, o ambiente familiar carrega a cultura, a identidade e a língua que são passadas de geração a geração, visto que o “lar é o último bastião de resistência” (HEYE; VANDRESEN, 2006).

A escolha que o falante faz para o uso de uma determinada língua em favor de outra ocasiona a morte da língua. Em Matelândia, por exemplo, a maioria dos seus pioneiros, vindos do

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

Rio Grande do Sul, eram descendentes de italianos e falavam somente a língua italiana. Com o passar dos anos, com o desenvolvimento do município e a chegada de outros grupos étnicos, e até mesmo pela necessidade e obrigação de falar a língua oficial do Brasil, o português substituiu o italiano conforme o seu domínio como língua cresce. Segundo Fishman (1971, p. 186), os aspectos responsáveis pela mudança linguística em uma comunidade são:

- a) a preservação linguística é uma função da integridade de grupos, especialmente de manifestações ideológicas de lealdade grupal e contexto nacionalista;
- b) moradores de áreas urbanas tendem mais à mudança linguística do que habitantes de áreas rurais;
- c) a língua de maior prestígio substitui a de menor prestígio.

Neste contexto, esta pesquisa pretende identificar e analisar os fenômenos de manutenção e preservação e/ou de abandono da língua italiana, a partir dos dados coletados em Matelândia - Paraná. Para a recolha do *corpus*, foram realizadas entrevistas, com a utilização de um questionário semiestruturado, do projeto “Bilinguismo em Marechal Cândido Rondon - Paraná”, publicado por von Borstel (1992), em seu trabalho “Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná - Brasil”. Vale ressaltar que o questionário foi adaptado à realidade linguística da comunidade de fala investigada.

Por meio do modelo de redes de comunicação, foram selecionadas três mulheres, de diferentes faixas etárias, de uma mesma família, ou seja, a geração III (que corresponde à geração mais nova), a geração II (a geração intermediária) e a geração I (a geração mais velha e mais próxima dos imigrantes italianos).

Analisando-se as três gerações, pretende-se observar os fenômenos de manutenção e preservação da língua italiana, mais especificamente o dialeto *talian*, ou a predominância do português a partir das mudanças históricas e econômicas ocorridas na comunidade. Pretende-se verificar, também, se há filhos e netos de descendentes italianos bilíngues ainda, se as gerações mais jovens são monolíngues em português e se há um distanciamento da língua italiana pelos mais jovens.

O DIALETO ITALIANO FALADO EM MATELÂNDIA/PR: *TALIAN*

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

Dentre os grupos que colonizaram as regiões Sul do Brasil e o Oeste do Paraná, os italianos e seus descendentes destacam-se pela visão empreendedora e transformadora dos espaços povoados, disseminando sua língua e sua cultura.

Segundo Pertile (2009), entre 1870 e 1970, cerca de 26 milhões de pessoas deixaram a Itália para viver em outros países. Deste total, 1,5 milhões vieram para o Brasil, sendo, aproximadamente, 100 mil imigrantes que povoaram o estado do Rio Grande do Sul.

Ao chegarem ao Brasil, os italianos eram monolíngues, falavam o dialeto de suas regiões italianas de origem e foram se tornando bilíngues, adquirindo a língua portuguesa aos poucos, devido à convivência com brasileiros, outros imigrantes e a necessidade de interação.

Conforme destaca Luzzatto (2000, p. 21), dos imigrantes que colonizaram o Sul do Brasil,

[...] aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino Alto-Ádige, do Friuli-Veneza Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, mais de 60% possuíam a língua e a cultura vêneta. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneta. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias venetas ao seu redor. Evidentemente era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais vêneta do que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois vêneta era a maioria.

Nesse contato linguístico, devido à necessidade de adaptação, a convivência com diferentes dialetos e culturas surgiu o *talian* ou *coiné* vêneta, língua peculiar de imigração de origem italiana, mais falada entre os imigrantes e seus descendentes. O *talian* pode ser descrito como “uma língua franca, pois possibilitou a interação de imigrantes italianos advindos de diferentes regiões da Itália e, conseqüentemente, com diferentes dialetos (PERTILE, 2009, p. 32). Pode-se dizer que os dialetos são “aquelas variedades linguísticas que inicial y basicamente representan orígenes geográficos divergentes” (FISHMAN, 1968, p. 47).³

Segundo Busse (2010), as línguas e seus dialetos podem ser descritos como espelhos da sociedade, pois retratam na sua organização os movimentos dos grupos e seus comportamentos

³ “aquelas variedades linguísticas que inicial e basicamente representan orígenes geográficos divergentes” (FISHMAN, 1968, p. 47, tradução nossa).

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

em diferentes momentos da história. Cada forma de falar reflete a cultura de um povo ou de uma comunidade, sua origem e sua história. No interior da dinâmica e complexa realidade social, as variedades linguísticas podem ser mantidas e/ou continuar sofrendo mudanças.

LINGUAS EM CONTATO: SEUS REFLEXOS NA FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

O estudo da Sociolinguística pauta-se na língua a partir do seu aspecto social e a sua variabilidade determina a constituição dos fatos linguísticos (LABOV, 2008). Segundo Brandão (1991, p. 05), “é por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo”. Partindo-se do pressuposto de que a língua é dinâmica, a sua história é totalmente “associada à história da geração de seus falantes” (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011, p. 28) e resulta do processo sincrônico e diacrônico da mudança linguística, que pode demorar muito tempo, como pode acontecer em um curto espaço de tempo.

O termo línguas em contato é utilizado para “designar a situação linguística provocada pelo deslocamento migratório de falantes da língua alemã para um país que tem o português como língua padrão” (VON BORSTEL, 1999, p. 43).

Devido ao contato de duas ou mais línguas, diversas definições foram dadas para explicar a questão do bilinguismo. Segundo von Borstel (1992, p. 07),

Na área da Psicologia e da Psicolinguística, o bilinguismo é enfocado a partir do critério de origem de aquisição da língua: consideram-se bilíngues as crianças que adquirem ambas as línguas simultaneamente na infância; para os linguistas, importa a forma como o falante domina as duas línguas, ou seja, baseiam suas definições na competência linguística dos bilíngues, no campo da Sociologia e Sociolinguística, o bilinguismo é abordado em termos de atitude: a conceituação recai sobre a função que a linguagem desempenha para o bilíngue ou para a comunidade bilíngue.

No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, é comum deparar-se com comunidades que se caracterizam pelo contato linguístico, tanto pelo “contato de línguas indígenas com as línguas de colonização europeia - português e espanhol - e depois da independência, com o contato das línguas trazidas pelos colonos alemães, italianos, japoneses, poloneses, ucranianos,

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

entre outros” (BELONI, 2013, p. 310). Dessa forma, o “bilinguismo constitui uma das características mais marcantes, senão a mais significativa, da paisagem linguística do sul do Brasil” (ALTENHOFEN, 2005, p. 194).

O bilinguismo é determinado pelo contexto em que cada indivíduo encontra-se. Após conhecer as duas línguas, o falante utiliza-as em determinados contextos, tais como familiar, profissional, social, de acordo com a necessidade de interação.

Torna-se importante, neste momento, situar os dois conceitos de bilinguismo e bilinguagem. Segundo Heye (2003, p. 34), bilinguismo é a “situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. Já a bilinguagem é definida como

diferentes estágios distintos de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngüe, passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluídos e definem, de forma dinâmica a bicompetência linguística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida (HEYE, 2003, p. 34).

De acordo com a questão de competência linguística, um indivíduo bilíngüe é aquele que compreende e fala com competência duas línguas, ou seja, que tem a capacidade de se comunicar em dois idiomas diferentes. Para a Sociolinguística, o bilinguismo é importante pelo fato de que o bilíngüe desempenha funções na sociedade: “as pesquisas sociolinguísticas definem o bilinguismo em termos da função que a linguagem desempenha para o falante bilíngüe ou para o grupo bilíngüe na sociedade” (VON BORSTEL, 2011, p. 35). Pode-se dizer que um bilíngüe pode ter um domínio mínimo ou máximo de uma segunda língua.

LÍNGUA, HISTÓRIA E CULTURA DE MATELÂNDIA/PR

Partindo do conceito de Labov (2008), que caracteriza a língua como um sistema heterogêneo organizado socialmente, que varia de acordo com as mudanças de padrões de uma determinada comunidade de fala, é possível entender uma língua se observarmos todo o contexto

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

da comunidade linguística. Assim, o grau de manutenção de uma dada língua varia de acordo com a região e com as diferentes situações do seu uso cotidiano no contato com o português.

Na década de 1960, chegaram ao oeste e sudoeste paranaense os primeiros colonizadores vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, na sua maioria descendentes de alemães e italianos, que imigraram para o Brasil no final do século XIX (BUSSE, 2010). Diante das migrações ocorridas, esta língua considerada minoritária foi se propagando nos locais em que se estabeleciam seus descendentes.

Diante do movimento de povoamento, chamado “Marcha para o Oeste”, segundo Gregory (2008), o processo de colonização e ocupação de terras fronteiriças provocaram o estabelecimento de companhias madeireiras e de colonizações nacionais que adquiriram terras nas regiões para a exploração da madeira, mercantilização de terras, comércio e indústria. Dentre as empresas, as que mais se destacaram foram a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ, a Pinho e Terras com as secções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopeí, a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda., a Colonizadora Gaúcha Ltda., a Colonizadora Matelândia Ltda., a Colonizadora Criciúma Ltda. (GREGORY, 2008, p. 93).

De acordo com dados da Colonizadora Matelândia LTDA., apresentados por Gregory (2008), Matelândia possuía, no ano de 1960, “7.000 habitantes, sendo 60% descendentes de italianos e 40% descendentes de alemães e outros. Todos eles vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo os primeiros moradores: Benjamim Luiz Biasus, Faustino Biasus, Fortunato Antônio Menoncin, Adelino Molon, Gentil Picoli, Francisco Donadel, David Menoncin” (Relatório da Colonizadora Matelândia Ltda., 1960, p. 13, *apud*, GREGORY, 2008). Tais dados marcam a origem da população presente no início da colonização do município.

Matelândia localiza-se no oeste do Paraná, às margens da rodovia federal BR 277, e a cerca de 75 km distante de Foz do Iguaçu e da fronteira com o Paraguai. O município possui, aproximadamente, 16.078 habitantes e uma área territorial de 639.746 km²⁴. É cercado pelas cidades: Medianeira, Céu Azul, Capanema, Serranópolis do Iguaçu, Ramilândia, Vera Cruz do Oeste e pelo Parque Nacional do Iguaçu.

⁴ Dados populacional de 2010, de acordo como o IBGE. Os registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram, no ano de 2013, uma população estimada de 17.026 habitantes. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411560>. Acesso em: 20 set. 2014.

Mapa da localização de Matelândia

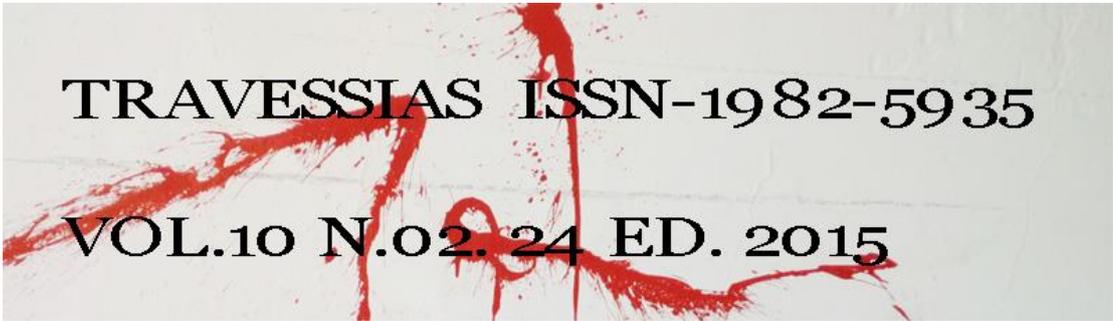


Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵

Os registros históricos informam que a emancipação de Matelândia iniciou-se pela colonização da localidade feita por Miguel Matte, em meados da década de 40, sendo fundada a Colonizadora Matelândia. Para desbravar os sertões desta terra, Benjamim Luiz Biazus foi escolhido para capitanear a colonização de Matelândia e tornou-se um dos acionistas. Dessa forma, organizou a primeira caravana em direção à localidade, da qual fizeram parte: Francisco Donadel, Fortunato Antônio Menoncin, Gino Molon e Gentil Piccoli, chegando às terras no dia 11 de junho de 1950 (JORGE; DAL POZZO, 2004).

O topônimo “Matelândia” constitui homenagem a Miguel Matte, membro da firma colonizadora que foi responsável pela colonização da localidade, em junção do termo “Lândia”, de origem inglesa (*land*=terra). A emancipação Político-administrativa aconteceu no dia 25 de julho de 1960.

⁵ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411560>. Acesso em: 03 fev. 2015.



TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

Quanto à cultura italiana, o município conta com os grupos folclóricos “Figliodiquesta terra” (de dança) e “Grupo Vicini” (de canto), e o programa de rádio “Vita, storie e canti”, veiculado pela rádio Matelândia (Am 1240Khz), apresentado aos domingos, das 11h às 12h.

A RECOLHA DOS DADOS

A língua sofre pressões de variáveis internas (semânticas, sintáticas, morfológicas, fonético-fonológica) e externas (diferença de classe social, sexo, escolaridade, etnia, região, contexto situacional, nível de formalidade) (LABOV, 1976).

Para o estudo e a investigação dos elementos da língua preservados pelos entrevistados de Matelândia, a pesquisa tem como base a Sociolinguística Variacionista.

O método utilizado será quantitativo, a fim de mostrar os dados numéricos, e qualitativo, pois esta perspectiva teórica considera o ser no contexto social, no contexto histórico, em razão de contemplar a reflexão e interpretação dos dados com o intuito de compreender os fatos.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo apreender e interpretar os significados de um determinado segmento, no caso, de uma determinada comunidade. Os dados quantificáveis, ou seja, os registros das variantes lexicais conhecidas pelos entrevistados poderão ser inter-relacionados com os dados qualitativos.

Esta pesquisa será também de tipo etnográfico, pois busca compreender, por meio de um contato e convívio com os entrevistados, os sentidos que o próprio sujeito atribui ao contexto em que está inserido, caracterizando-se como “a arte de descrever um grupo humano - suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30).

Para a seleção dos entrevistados, os critérios ou variáveis sociais podem ser tomados como representativos da composição da comunidade e do comportamento linguístico dos falantes. A geração mais velha, por exemplo, compõe o grupo que colonizou a comunidade ou os filhos dos colonizadores, a geração mais jovem representa o grupo inovador, com maior acesso à escola e aos elementos tecnológicos. Para Faraco (2005, p. 186),

Quando se faz uma investigação sociolingüística, é sempre possível distribuir os falantes por diferentes faixas etárias (por exemplo, pessoas jovens, pessoas de meia-idade, pessoas idosas). Diante desse fator, os dados podem revelar uma clara correlação entre idade e uso de determinadas variantes. Tal fato pode estar assinalando apenas uma característica linguística própria de cada grupo etário que é adotada pelo falante e posteriormente abandonada à medida que ele vai passando de uma faixa de idade para outra.

Os entrevistados selecionados para a pesquisa foram três mulheres, de três faixas etárias, que podem ser observados no quadro abaixo:

<i>Sexo</i> <i>Dimensão diassexual</i>	<i>Faixa Etária</i> <i>Dimensão diageracional</i>
Feminino	Geração I (89 anos)
Feminino	Geração II (52 anos)
Feminino	Geração III (29 anos)

O método utilizado na presente pesquisa foi o de redes de comunicação que se aplica no estudo da linha diacrônica das três gerações, observando-se a mudança linguística. Este processo consiste na descrição dos padrões “atuais de escolha lingüística, de maneira a entender tanto os fatores de forças histórico-sociais como fontes de mudanças futuras na escolha de língua” (VON BORSTEL, 1992, p. 88).

Por meio das entrevistas foi possível observar as línguas utilizadas pelos entrevistados em contextos de comunicação do dia-a-dia. Assim, as perguntas consistem na apuração de dados pessoais; uso da língua italiana ou portuguesa na família, com os vizinhos e amigos; língua utilizada no trabalho, na escola, em órgãos públicos, igreja e estabelecimentos comerciais. O roteiro de entrevista encontra-se no anexo 2, do trabalho de von Borstel (1992), “Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná - Brasil”. O objetivo do questionário é fornecer um quadro amplo dos padrões de escolha da língua nas diferentes situações do dia a dia do informante.

UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE: a escolha da língua de acordo com as redes de comunicação

Nesta seção apresenta-se uma análise dos dados a partir da manutenção ou perda linguística do da língua italiana no município de Matelândia, que pode resultar na identificação de movimentos da conservação do bilinguismo ou da predominância do português.

O roteiro de entrevista é dividido por doze temas, os quais serão apresentados durante a análise:

- 1- Dados pessoais;
- 2- Família;
- 3- Vizinhos;
- 4- Amigos;
- 5- Trabalho;
- 6- Escola;
- 7- Repartições (Médico);
- 8- Igreja;
- 9- Compras;
- 10- Diversão;
- 11- Atitudes gerais;
- 12- Avaliação.

As entrevistadas serão identificadas pelas iniciais: O. C. T. (geração I), E.M.S. (geração II) e L. P. S. (geração III).

A entrevistada da 1ª geração nasceu em Garibaldi/RS, e as informantes da 2ª e 3ª gerações são nascidas em Matelândia.

No quadro abaixo, estão organizados os dados pessoais das entrevistadas, de acordo com os graus de escolaridade e profissão.

	Grau de escolaridade	Profissão
Geração I	4ª série	Pensionista/dona de casa
Geração II	Superior completo	Comerciante
Geração III	Superior completo	Comerciante

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

Observa-se, neste momento, que as gerações II e III, mãe e filha, seguem o mesmo ramo profissional. A geração I, referente à avó, recebe pensão do marido e ocupa-se fazendo crochê.

Quanto aos dados culturais referentes à “diversão” – televisão, rádio, jornal, revistas e livros -, da seção 10 do roteiro de entrevista, as três mulheres responderam não gostar muito de assistir à televisão, com a média de uma hora por dia. Já o rádio, é escutado durante, aproximadamente, seis horas. Vale ressaltar que aos domingos, pela manhã, há o programa “Vita, storie e canti”, veiculado pela rádio Matelândia (Am 1240Khz), apresentado no *talian* e composto por canções populares do dialeto. Tais perguntas demonstram o grau de exposição do falante aos meios de comunicação de massa que podem influenciar no uso das línguas.

Em relação à leitura, ambas costumam ler jornais, revistas e livros, mas somente na língua portuguesa. A informante da terceira geração possui conhecimento da língua inglesa e a da primeira geração diz não saber ler italiano, somente fala e entende.

Os resultados aqui obtidos resultam das respostas dos temas de número 2 ao 9 do questionário. Tais questões permitem identificar a língua que os informantes utilizam nos ambientes familiar, escolar e religioso, nas repartições públicas e hospitalares, com os amigos, com os vizinhos, no trabalho e no comércio.

Das três gerações, apenas a primeira é bilíngue. De acordo com as entrevistas, as gerações II e III não usam a língua italiana em nenhum contexto cotidiano, ou seja, há a dominância do português.

No quadro abaixo, apresenta-se a geração I e as situações nas quais utiliza/utilizou o italiano:

1	Com o pai
2	Com a mãe
3	Com o avô paterno
4	Com a avó paterna
5	Com o avô materno
6	Com a avó materna
7	Com o irmão
8	Com cunhados e cunhadas
9	Com o esposo

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

10	Quando reza em silêncio
11	No clube do vovô

Dentre as onze condições de comunicação nas quais O. C. T. disse fazer uso da língua italiana, prevalecem os contatos com os familiares, com o irmão, ao rezar e no clube do vovô. Isso se dá pelo fato de os pais, avós e esposo já serem falecidos. Apesar de a entrevistada falar com seu irmão em italiano, não ocorre com frequência, pois ele mora no Rio Grande do Sul. O mesmo acontece com cunhados e cunhadas.

Restam, então, o uso na oração e na interação com amigos no “Clube do Vovô” – encontro de amigos destinado à terceira idade. Segundo O. C. T.,

alguma palavra a zente fala, mas é mais em brasileiro.

Para von Borstel (1992, p. 90), os itens “vizinhos” e “amigos” do questionário, “são fundamentais para a determinação da rede básica de relações e uso das línguas para cada informante, uma vez que o fator amizade é um indicador válido de canais ativos de comunicação”. Percebe-se que as pessoas que participam de tal encontro não usam constantemente o dialeto, fazendo alternâncias entre palavras em português e no *talian*. Em alguns momentos da entrevista a informante diz que fala português, porém, com sotaque italiano, o que marca sua identidade linguística:

é meio atrapalhado, mas é brasileiro, né?!

Quando perguntada se gostaria de aprender alguma outra língua, a informante respondeu:

Ah, não! Sou italiana, já tirei quase a pronúncia italiana pra brasileira, agora é só aquela, né...

Destaca-se a predominância do português na comunidade e, ao mesmo tempo, a diminuição do contato com a língua italiana com as pessoas com as quais convive, marcam o leve apagamento do idioma materno. Na resposta pode-se observar, também, a sobreposição da

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

língua portuguesa sobre o italiano. Torna-se importante salientar que O. C. T. lembra o fato que marcou os falantes de línguas minoritárias:

O sogro dizia que era pra não conversar da língua italiana, que era só pra falá em português. Era só brasileiro... meio atrapalhado, ma só falava brasileiro.

O período citado pela informante foi do Governo Vargas, marcado pelo fechamento das escolas de línguas estrangeiras e pela proibição do uso de outra língua que não fosse o português. Por esse motivo, os falantes das línguas minoritárias sofreram pressões sociais e políticas levando-os a diminuir seu uso na sociedade e no próprio ambiente familiar, ocasionado, assim, a morte linguística. Naquele contexto,

[...] o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização. Esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 44).

Assim, percebe-se que a informante teve um distanciamento da sua língua materna e passou a utilizar mais o português. Reitera-se, neste momento, as palavras de Silva, ao dizer que a mudança de uma língua em uma comunidade de fala bilíngue é caracterizada por uma sequência temporal: monolinguismo – bilinguismo – monolinguismo. Assim, “a comunidade que um dia foi monolíngue na língua A, torna-se temporariamente bilíngue por meio do contato com a língua B, dominante, e caminha para a extinção da língua A” (SILVA, 2011, p. 144).

A seção número 11, do roteiro de entrevista, busca observar as atitudes gerais dos entrevistados de acordo com a língua italiana. Quando perguntadas se têm amigos ou conhecidos que só falam italiano, as três gerações respondem que “não”, sendo todos os seus conhecidos falantes da língua portuguesa. Vale ressaltar que a falante da geração I afirma que suas amigas que falavam em italiano quando encontravam-se já são falecidas, o que acarretou no desábito de falar a língua de origem.

Na pergunta “Qual você mais gosta? Acha que soa melhor?”, a informante da 3ª geração respondeu ser o italiano, ao contrário de sua mãe e de sua avó. Isso demonstra uma atitude

favorável à língua de descendência, apesar de não usá-la. Em todas as outras questões, em ambas as gerações foi citado somente o português. Tais perguntas são: “Qual língua você acha mais fácil para expressar seus sentimentos?; Em que língua você sonha?; Já sonhou em italiano?; Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que língua?; Numa briga bem enfezada, em que língua você xinga?”. Durante a entrevista com a informante da 1ª geração, uma de suas filhas presente contou que o pai costumava xingar e rezar em italiano, ao contrário da mãe.

Quando perguntadas se o italiano continuará a ser falado em Matelândia, ambas respondem que sim. As entrevistadas sentem orgulho de serem descendentes de italiano e acham que a língua continuará sendo falada no município. Para L. P. S, é na família que a língua continua sendo usada e deve ser mantida para que não seja apagada:

[...] se as pessoas começarem a cultivar ela né, nas famílias, senão uma língua tende a ser extinta né... vai ficar mais assim como já é hoje acredito que é mais nas famílias mesmo né, as famílias que conversam.

Para a informante da 2ª geração, o italiano será falado até certo tempo, pois os mais jovens estão aprendendo e isso faz com que a língua continue sendo usada.

No quadro abaixo é possível observar as respostas de cada informante:

Pergunta:	Geração I	Geração II	Geração III
Você sabe músicas em italiano?	SIM	SIM	NÃO
Você sabe versos em italiano?	NÃO	NÃO	NÃO
Você sabe estórias em italiano?	SIM	NÃO	NÃO
Você sabe provérbios em italiano?	NÃO	NÃO	NÃO
Você sabe anedotas ou piadas em italiano?	NÃO	NÃO	NÃO

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

As gerações I e II afirmam conhecer músicas em italiano e somente a geração I lembra de histórias na língua. Vale ressaltar que a falante da 1ª geração aprendeu a falar português aos oito anos, quando adentrou à escola.

Outra questão interessante é a “Você é contra que seus filhos se casem com alguém que não seja descendente de italiano?”. Nesta pergunta, somente a geração I respondeu que sim:

Eu gostaria que eles ficassem sempre com descendente italiano e católico, né?

A questão religiosa faz parte do desejo da informante. Para ela ser italiano é ser ao mesmo tempo católico, portanto, casando-se com um italiano, automaticamente seus filhos se casariam com um católico.

Em função da descendência das informantes, o interesse em conhecer e visitar a Itália é constante para ambas. Todas as mulheres guardam algum tipo de objeto proveniente do país, tais como quadros, livro, terço e medalha do papa João Paulo II.

A pergunta “Quando você dá nome a filhos ou netos, procura dar nomes que acha ser de origem italiana?” foi positiva para a geração III. Segundo L. P. S.,

Eu iria buscar alguma coisa que tivesse alguma relação, né?

As cinco últimas perguntas sobre atitudes versam sobre a região onde os descendentes da família nasceram, por que motivo vieram ao Brasil, o que faziam quando chegaram aqui e se gostavam do Brasil. Além de não haver contato com ninguém da Itália, a geração I também não conhece a história de seus pais e avós, tanto que ainda jovem casou-se e foi morar longe dos pais. Apenas a geração II disse saber que quando seus avós chegaram no Brasil, trabalhavam na agricultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto observamos as condições de preservação, manutenção e desaparecimento da língua italiana em Matelândia/PR e a dominância do português. Para tal análise, o questionário

permitiu colher informações sobre diferentes contextos de interações possíveis no convívio diário dos informantes relacionando-os com a língua empregada para cada comunicação

Considerando-se a existência de três gerações, a primeira, apesar de ser bilíngue e utilizar a língua italiana em poucas situações, fala mais o português do que o italiano; a segunda fala português, mas entende tudo o que se fala em italiano devido ao pouco contato com a língua através de seus pais; e a terceira geração, só fala o português.

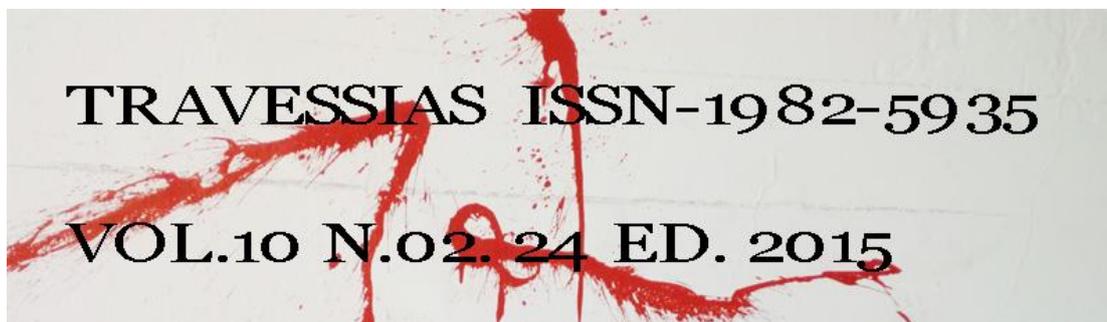
Na maioria dos estudos realizados sobre o bilinguismo, a geração do meio é responsável por atuar no processo da mudança linguística, pois é ela que determina as funções de emprego das duas línguas. No caso desta análise, a entrevistada desta geração compreende a língua, mas não a fala, fato este que é uma realidade comum de quem teve contato com a língua dos descendentes.

De acordo com os objetivos propostos, conclui-se que

- i) Há em Matelândia, filhos e netos de descendentes italianos bilíngues, representado pela entrevistada da 1ª geração;
- ii) A geração mais nova (3ª geração) é monolíngue em português;
- iii) Há um distanciamento da língua italiana pela geração mais nova, o que pode acarretar no apagamento da língua.

O fato de a língua portuguesa ser dominante, nas três gerações, pode ser explicado pelo fenômeno que tem sido verificado em muitas comunidades bilíngues no Brasil, e que se reflete também em Matelândia: a substituição das línguas de imigração pelo português, à medida que avançam as gerações. A língua minoritária está, aos poucos, perdendo seu valor, resistindo somente em contextos restritos, como na família, encontros de amigos de gerações mais velhas.

Outro dado significativo para o apagamento da língua de herança étnica está relacionado à variável sexo. A mulher tende a optar pela língua considerada de prestígio e de inovação, como parte Mollica ao dizer que “não raro, informantes do sexo feminino tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens” (MOLLICA, 2004, p. 36). Tal diferença está relacionada ao “nível de tolerância ou estigmatização e outras formas de manifestação sociolinguística” (BISINOTO, 2007. p. 31).



Espera-se que os resultados, ainda que preliminares possam oferecer um panorama do bilinguismo em uma comunidade que registra o contato entre a língua portuguesa e italiana, e motivar pesquisas mais profundas sobre a língua e seus falantes.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In. AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução: José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BELONI, Wânia; BUSSE, Sanimar. Línguas e culturas em contato: o *talian* e a preservação da identidade italiana em Cascavel. **Revista Travessias**. Vol. 07, Nº 2. 18ª Edição/2013.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

BOLOGNINI, Carmen. Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 57, n. 2, p. 42-46, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200020&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 set. 2014.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

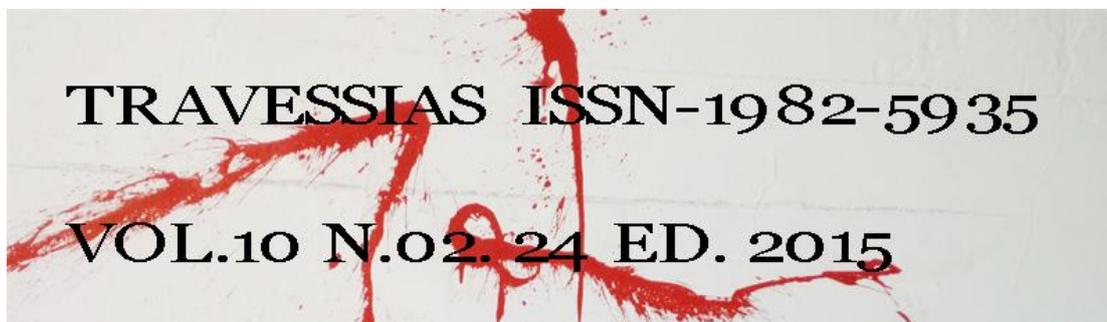
BUSSE, Sanimar. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FISHMAN, Joshua. Algunos conceptos básicos de sociolingüística. In: _____. **Sociología del lenguaje**. Ediciones CATREDA – Madrid, 1968. p. 47-59.

_____. **Bilingualism in the Barrio**. Indiana, University, 1971.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2008.



HEYE, Jürgen. **Considerações sobre bilingüismo e bilinguagem:** revisão de uma questão. Rio de Janeiro: Revista Palavra- PUC/Rio, 2003. Volume temático: Línguas em contato, n.11, p. 30-38.

HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 383-411.

JORGE, Milena Vargas de Oliveira; DAL POZZO, Ildo. **Retratos da lembrança:** Matelândia e sua gente. Matelândia: Gráfica e Editora Matelândia, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 14-56.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

PERTILE, Marley Terezinha. **O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro:** manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística:** Teoría y Análisis. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato:** cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. **Aspectos do bilinguismo:** alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado.

_____. **Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná.** Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1999. 202 fls. Tese de Doutorado em Linguística.

_____. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch.** São Paulo: Pedro & João Editores, 2011. 176p.